

PERSPECTIVAS PARA O FUTEBOL FEMININO: UM ESTUDO A PARTIR DO PELOTAS/PHOENIXMartina Gonçalves Burch Costa¹**RESUMO**

O estudo realizado aborda algumas questões referentes a história do futebol feminino, aos problemas de gênero e a suas perspectivas de organização e profissionalização. Para realização deste estudo, utilizamos como referência empírica o clube Pelotas/Phoenix, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A metodologia seguiu os parâmetros das metodologias qualitativas, partindo de uma abordagem de estudo de caso. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com quatro atletas do atual grupo, mais uma entrevista com uma ex-atleta e outra com técnico da equipe e coordenador do projeto. Como conclusão, destacamos, principalmente, o fato de que apesar de ser possível identificar que nos últimos anos houve uma redução dos preconceitos de gênero no futebol feminino, ele continua sendo um esporte que está colocado à margem dos clubes, das federações e dos demais órgãos competentes. Desse modo, em curto prazo, ele terá dificuldades para conseguir se estruturar e se consolidar como um esporte profissional.

Palavras-chave: Profissionalização. Pelotas/Phoenix. Futebol Feminino.

ABSTRACT

Outlook for the feminine football: a study from pelotas / phoenix

The conducted study addresses some issues concerning the history of women's football, to gender issues and the prospects of organization and professionalism. For this study, we used as empirical reference the Pelotas club / Phoenix, the city of Pelotas, Rio Grande do Sul. The methodology followed the parameters of qualitative methodologies, based on a case study approach. We conducted semi-structured interviews with four athletes in the current group, plus an interview with a former athlete and another with technical team and project coordinator. In conclusion, we emphasize mainly the fact that although you can identify that in recent years there has been a reduction of gender bias in women's football, it remains a sport that is placed on the edge of the clubs, federations and other bodies competent. Thus, in the short term, he will struggle to be able to structure and consolidate as a professional sport.

Key words: Professionalism. Pelotas/Phoenix. Women's Football.

1-Universidade Federal de Pelotas-Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail do autor:
martina_gbc@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, o futebol é um dos esportes mais populares no mundo, pois consegue abranger diferentes povos, países e nações, todos unidos pela magia da bola rolando no campo de grama, ou de terra, muitas vezes.

De certa forma, é um dos esportes que mobiliza uma grande parcela da humanidade, não há, como simplesmente, negar sua existência, pois faz parte do cotidiano das pessoas, independente do local, seja ele no trabalho, nas ruas, nas escolas, ou nos espaços destinados a lazer.

No entanto, encaramos o futebol como um dos principais fenômenos socioculturais do século XXI, tendo a grandiosa capacidade de influenciar, positivamente, ou não, em diversos segmentos da sociedade, ou seja, abarcando questões econômicas, culturais, políticas, sociais e também ambientais.

Partindo desse entendimento, o futebol tem capacidade de expressar determinada cultura predominante em diversas sociedades ou grupos sociais. Logo, é considerado um elemento primordial na formação de identidade nacional.

Apesar das controvérsias existentes, há certo acordo de que o futebol brasileiro emergiu no final do século XIX e no começo do século XX. Desse processo, entre uma participação mais ativa de pessoas como *Charles William Mille* (em São Paulo), *Oscar Cox* (no Rio de Janeiro) e do emigrante alemão *Johanes Christian Mortiz* (na cidade de Rio Grande interior do Rio Grande do Sul).

Inicialmente, o futebol era uma prática de lazer restrito à elite. Todavia, já na década de 1920 e principalmente a partir de 1930, com a implementação do profissionalismo, o futebol brasileiro tornou-se uma prática popular e menos racista (Pereira, 2000, Rigo, 2004).

Já os primeiros registros do futebol feminino remetem à década de 1920, como é o caso do jogo ocorrido entre *Senhoritas Tremembenses x Senhoritas Cantareirenses*.

Esse jogo foi o início do futebol feminino no Brasil, porém visto pela mídia como comédia, conforme expressa o relato: “A partida estava sendo disputada com *entusiasmo*. As pequenas empregaram-se com extraordinário ardor. De vez em quando, uma acertava a bola ou esta batia *nellas*, de

maneira a fazer vibrar a assistência [...]” (Jornal dos Sports, 19/05/1931 citado por Mourão Morel, 2005, p. 76).

Através desse acontecimento que marcou um dos primeiros registros do futebol feminino no Brasil, podemos analisar através do jornal dos sports, um discurso um tanto “maxista”, reflexo de um projeto de sociedade exposto no período ditatorial, que representava o homem como o centro do universo, detentor do “poder”, reproduzindo a imagem de uma mulher totalmente submissa aos serviços domiciliares e familiares, sem poder de escolha, atuação política e, muito menos, de lazer e profissionalização no esporte.

Além das questões de gênero no futebol feminino, outra de minhas justificativas para escolha do tema dessa pesquisa está no fato de no Brasil existir poucos estudos acadêmicos que abordam a temática do futebol feminino, principalmente estudos feitos a partir da perspectiva das ciências sociais e humanas.

Partindo de tais justificativas, elaborei três objetivos norteadores da pesquisa, aos quais pretendo problematizar ao longo deste estudo. São eles: Identificar quais expectativas de profissionalização as meninas possuem; Ampliar os conhecimentos sobre futebol feminino na área da Educação Física; Contextualizar a história do Pelotas/Phoenix na historiografia do futebol feminino brasileiro.

Nas próximas sessões deste texto, serão apresentados, primeiramente, alguns apontamentos históricos sobre o futebol feminino, conseqüentemente, os procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como as análises e discussões realizadas com base em entrevistas semi-estruturadas e análise de conteúdo. Finalizando, realizo encaminhamentos e algumas considerações finais, visando aprofundamentos posteriores, relacionados à temática de estudo.

Alguns apontamentos históricos

A partir de 1921, acompanhamos o início de um crescimento, mesmo que ainda tímido, das práticas do futebol feminino no território brasileiro. Já na década de 1930, concomitante a esse crescimento ainda tímido, os registros históricos destacam a aparição de discursos que se posicionam explicitamente ao contrário.

Principalmente na década de 1930 e 1940, começaram a proliferar no contexto brasileiro, diversos questionamentos condenando a prática do futebol feminino. Tais questionamentos se ancoravam nas mais variadas áreas do conhecimento, como foi o caso, por exemplo, dos diferentes discursos médicos, que explicitamente começaram a condenar a prática do futebol feminino.

Como um exemplo disso, podemos perceber o pensamento do doutor Humberto Ballariny, que considerava essa atividade violenta e “exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com a mulher (Moura, 2003, p.7/8)”.

Relatos como este demonstram como as mulheres que praticavam futebol naquela época eram alvo de preconceitos, que foram produzidos e reproduzidos por discursos que circularam em todo território nacional. Esses discursos contribuíram para que, em 1941, o governo Vargas proibisse a prática do futebol feminino e também outras modalidades esportivas em todo território nacional. Assim, passou-se a não ser mais: “[...] permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo, baseball” (Deliberação- CND- Nº 7/65. Nº 1).

Tudo indica que a interdição oficial proibiu a prática do futebol feminino de 1941 até 1979 em todo território nacional e, além disso, restringiu e desestimulou a prática dessa modalidade esportiva no nosso país.

Após 1979, ou seja, após a revogação da lei vigente, o futebol feminino brasileiro adentrou em um novo momento. Em 1980, sem a restrição e fiscalização legal, começaram a aparecer algumas iniciativas de criação do departamento feminino em alguns clubes do país. Sendo assim, posteriormente, acompanhamos o surgimento de equipes com uma significativa organização, como foi o caso da equipe da cidade do Rio de Janeiro, o Esporte Clube Radar.

Esporte Clube Radar

O Esporte Clube Radar, um clube de praia de Copacabana, foi fundado em 1932 e em 1981 foi criada a equipe feminina. Inicialmente jogando nas quadras, depois na areia e finalmente no campo, onde teve maior êxito e foi considerado o mais importante clube de futebol feminino (Carmona Poll, 2006).

Principalmente em razão da organização, das conquistas e pelo reconhecimento que alcançou nacionalmente e internacionalmente, o Esporte Clube Radar tornou-se uma das referências da história do futebol feminino pós o período proibitivo. A citação a seguir ilustra um pouco de alguns aspectos da sua relevância na historiografia do futebol feminino:

[...] o Esporte Clube Radar realizou mais de 300 partidas, sendo 71 delas no exterior, obtendo 66 vitórias, 3 empates e 2 derrotas. Tendo como performances nos principais eventos: Campeão da Divisão Feminina do Rio de Janeiro de 1983 a 1988; Campeão Brasileiro de 1984 a 1988; Campeão do I Torneio Brasileiro de Clubes; Terceiro colocado no I Torneio Internacional de Futebol Feminino na cidade de Cabo Frio; Campeão do Women Cup Of Spain; e 3º lugar representando o Brasil no I Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (Fernandes, 1991, p.17).

Pelotas/Phoenix

Inserida no novo contexto pós-período proibitivo do futebol feminino, em 25 de julho de 1996, por iniciativa de Marcos Planela, foi fundado na cidade de Pelotas (RS), junto ao E.C. Pelotas, a equipe feminina do Pelotas/Phoenix, sendo esta a única equipe do estado do Rio Grande do Sul a disputar todas as edições do Campeonato Gaúcho, desde 1997. Na entrevista que nos concedeu, Marcos Planela relatou um pouco sobre os passos iniciais desse percurso:

“Pensamos em tentar criar um espaço novo, um espaço maior que já tivéssemos uma projeção maior pro futebol feminino, e resolvemos procurar as equipes profissionais de Pelotas. Iniciamos pelo Esporte Clube Pelotas, acabou sendo receptivo pela ideia, a negociação durou alguns meses, uns dois meses mais ou menos, e em 25 de julho de 96 nós criamos o departamento de futebol feminino

do Pelotas.” (Entrevista: Planela, 2014).

Essa equipe, criada em 25 de julho de 1996, formou o grupo inicial com 26 atletas, sendo a única equipe a disputar todas as edições do Campeonato Gaúcho desde 1997.

O projeto Pelotas/Phoenix teve 17 atletas convocadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para vestir a camisa da Seleção Brasileira (categorias adulta, sub-20 e sub-17).

Dentre os títulos conquistados na categoria feminina, destacam-se: Bicampeonato de Futsal; Pentacampeonato Cidadino de Beach Soccer; Campeonato Gaúcho de Beach Soccer e, finalmente, o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, conquistado no ano do centenário do clube (2008).

Destaca-se, também, a participação do Pelotas nas edições de 2008 e 2009 da Copa do Brasil de Futebol Feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste estudo optamos pela abordagem qualitativa, pois acreditamos que desta forma o pesquisador busca um maior aprofundamento na pesquisa que está a desenvolver, procurando uma forma positiva de compreender os fenômenos, ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social.

Segundo a autora Maria Marly de Oliveira (2010), o uso da pesquisa, fundamentada em dados qualitativos se caracteriza como uma tentativa de explicar e aprofundar o significado e as características do resultado de informações obtidas através de questões abertas, sem a mensuração de características ou comportamentos quantitativos.

Após optarmos pela pesquisa qualitativa, descrevemos que este estudo refere-se a um estudo de caso, ao qual me proponho a analisar um determinado grupo, ou seja, as jogadoras, ex-jogadora e um dos coordenadores do Pelotas/Phoenix.

Segundo Araújo e colaboradores (2008) o estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão

simultaneamente envolvidos em diversos fatores.

O primeiro procedimento logístico da metodologia da pesquisa foi aplicar um questionário para conhecermos os perfis das atuais jogadoras do Pelotas/Phoenix. Tal questionário foi respondido por 20 meninas durante os intervalos do treinamento realizado na praia do Laranjal, em Pelotas-RS.

Posterior ao mapeamento dos perfis das atletas selecionou-se quatro jogadoras que representassem diferentes perfis para constituirmos o grupo com o qual realizaríamos uma entrevista semi-estruturada. Além dessas quatro jogadoras, entrevistamos, também, uma ex-jogadora do clube, e o técnico coordenador do projeto Pelotas/Phoenix.

Finalizando os procedimentos metodológicos, para a análise dos dados utilizados na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2006).

Tal opção se deve a que o autor é o mais citado no Brasil em pesquisas que adotam a análise de conteúdo como técnica de análise de dados.

Bardin (2006, p.38) refere que a análise de conteúdo consiste em:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção de análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ‘ou eventualmente, de recepção’, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou qualitativos)”.

Diante do exposto acima, podemos perceber que a análise de conteúdo refere-se a análise da forma como nos comunicamos, tendo por objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados que coletamos durante o processo de investigação.

Para que possamos analisar o estudo de caso a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2006), elencamos três categorias de análises, aos quais a denominamos como: questões de gênero e futebol; profissionalização e família; relação futebol x futebol de campo. De forma conjunta e de forma dialógica, utilizamos referenciais

teóricos que discutem essa temática e os resultados obtidos através das entrevistas.

Primeira categoria: Questões de Gênero e Futebol

Dentre estes argumentos, destacamos a criação do mito do sexo frágil o qual é, ainda hoje, determinante para reprodução de condutas sexistas que discriminam a participação feminina em certos âmbitos sociais. A origem deste mito remete aos últimos três séculos, quando o uso político do corpo humano serviu de base para a construção de um dispositivo econômico da sexualidade fundado na idéia da mulher frágil, mãe de família e senhora da casa, e homem forte trabalhador e dono dos espaços públicos (Martin, 2006, p.12).

Conforme afirma Goellner (2003), as desconfianças em relação à presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de vulgarizar o corpo feminino, ou seja, de torná-lo masculino por meio do esforço físico intenso. Ao ser perguntado sobre os preconceitos atuais com o futebol feminino, Planela (2014) comenta que apesar das mudanças, principalmente se comparado com outras épocas, o preconceito continua a existir.

“Ele existe, ele já foi mais explícito, e hoje ele é mais velado, mas é forte, forte. Tanto é que algumas questões importantes não conseguem andar. Eu entendo que o futebol feminino só vai se consolidar no nosso país, quando avançarmos em questões legais, nós temos que ter políticas de estado, e não de governo para o esporte, e dentro do esporte o futebol feminino[...]” (Entrevista: Planela, 2014)

As entrevistas realizadas com as jogadoras mostraram que existe apoio de parte de seus familiares e isso serve como estímulo para que elas continuem jogando futebol. Porém, fora do círculo familiar, ainda persistem indícios de preconceitos de gênero com o

futebol, como assinalou o depoimento da atleta Corrêa:

“Menina quando escolhe ser jogadora ou etc. de coisas que homens praticam, normalmente sofrem preconceitos e muitas pessoas falavam pra minha mãe, que como eu brincava no meio dos meninos eu iria aparecer grávida, e minha mãe sempre incentivou dizendo que preconceito eu iria sofrer vários, mas era pra mim seguir em frente que ela iria me apoiar[...]” (Entrevista: Corrêa, 2014).

Além dessas concepções retrógradas e arcaicas que ainda existem entre indivíduos isolados em espaços institucionais, como as escolas, que deveriam primar por seus lugares que se contrapõem aos pré-conceitos, apesar de não ser a postura predominante nas entrevistas. Ainda existem escolas que restringem a prática do futebol entre suas alunas, contribuindo para a reprodução de posturas preconceituosas perante o futebol feminino. Um exemplo disso foi identificado na entrevista de Amaral (2014), quando ela assinala que:

“Pois é, eu saí de um colégio por causa disso, meus professores não deixavam eu jogar, era muito ruim isso” (Entrevista, Amaral, 2014).

Sobre os preconceitos atuais do futebol feminino, o autor Rigo e colaboradores (2008, p.185) comenta que:

Apesar de o futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua sendo um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol.

Um fator que talvez possa estar relacionado com os conflitos referentes aos

preconceitos, para incentivar ou não a prática do futebol feminino, refere-se às qualidades futebolísticas apresentadas pelas jogadoras. Com frequência, elas são *tachadas* de ruins. Assim, elas têm que mostrar que sabem jogar futebol para alcançarem reconhecimento de parte dos garotos.

Uma de nossas entrevistadas, Badia (2014), ex-jogadora que participou dos primeiros anos da equipe do Pelotas/Phoenix, quando perguntada sobre o preconceito observou que:

“[...]Hoje em dia as pessoas eles gostam de ver futebol feminino jogar, coisa que antigamente se tinha uma certa restrição, hoje em dia não, já tem uma certa admiração em ver” (Entrevista: Badia, 2014).

Provavelmente a admiração que aparece na fala de Badia (Entrevista, 2014) represente certo respeito, decorrente dos pequenos avanços que milhares de jogadoras do nosso país conquistaram pouco a pouco. Entretanto essa conquista resulta da determinação daquelas mulheres que, resistindo ao preconceito, insistiram em continuar jogando futebol em campo, em quadras, em areias, nas aulas de educação física, nos recreios escolares e em outros espaços futebolísticos que até pouco tempo eram concebidos como espaço restrito ao gênero masculino.

Segunda categoria: profissionalização e família

As entrevistas que realizamos nos mostraram que a aceitação familiar é um componente importante para que exista a inclusão e a permanência das meninas no futebol. Como é o caso da nossa entrevistada Retamar (Entrevista, 2014), que deixou seus pais na sua cidade natal, Quaraí (RS), para seguir carreira profissional no Phoenix/Pelotas.

Outro componente que apareceu com bastante frequência nos depoimentos das nossas entrevistadas foi a intenção de todas em continuar estudando e ter outra profissão, mesmo àquelas que possuem expectativas de conseguirem se tornar jogadoras profissionais. Como apareceu, por exemplo, no depoimento da jogadora Corrêa:

“[...] Eu quero fazer faculdade de Educação Física. E o meu maior objetivo é ser jogadora profissional [...]” (Entrevista: Corrêa, 2014).

Essa importância aos estudos pode ser considerada uma diferença em relação ao futebol masculino, já que neste há uma grande tendência dos jogadores das categorias de base abandonar ou em colocar em segundo plano os estudos.

Quando perguntado sobre este assunto, o coordenador e técnico da equipe, Planela (2014), expressa essa opinião a respeito do modelo a ser seguido no esporte:

“O modelo do futebol masculino, é o menino parar de estudar precocemente achando que vai fazer o sucesso [...] E a família aposta todas as fichas nele, apoia entre aspas a saída dele precocemente... E quando passa essa fase como jogador [...] Ele para de jogar, e aí se dá conta que não tem ou o fundamental completo ou não tem o médio completo, por consequência, ele tem uma dificuldade imensa da sociedade, uma nova atividade profissional[...] A menina não pode olhar o homem no Brasil e enxergá-lo como modelo pra ela fazer sua atividade... Eu pra mim, as meninas deveriam se espelhar no voleibol, onde as meninas, atletas em grande parte delas são universitárias.” (Entrevista: Planela, 2014).

Terceira categoria: Relação Futsal x Futebol de campo

A prática do futebol de salão feminino foi autorizada pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) em 23 de abril de 1983, e o Conselho Nacional de Desporto, então presidido pelo professor Manoel Gomes Tubino, revogou a lei que proibia a prática do futebol, futsal e futebol de areia às mulheres (Teixeira Junior, 2006, p.75).

A relação do Futebol de Salão para o Futebol de campo parece uma relação de esportes coirmãos, uma vez que muitos atletas, tanto do masculino quanto do feminino, migram de um esporte para o outro. Assistimos na mídia diversos jogadores e jogadoras famosos que fizeram essa passagem na carreira.

Nas entrevistas que realizamos, todas as meninas mostraram sua relação com o futebol de salão. Das cinco entrevistadas, só uma disse que não começou com uma base no futebol de salão, porém posteriormente jogou nessa modalidade.

Sobre a relação do futsal com o futebol de campo uma questão que foi possível de se observar, a partir das entrevistas, é que essa conexão no futebol feminino parece ser maior do que no futebol masculino, principalmente porque está presente também em atletas com idade mais avançada, enquanto no masculino a presença do futsal predomina e, geralmente, restringe até certa idade, principalmente nas fases iniciais. Um dos fatores que contribuem para essa diferença está relacionado ao número reduzido de competições que existem de futebol feminino em âmbito local, estadual, nacional e internacional. Planela (Entrevista, 2014) expressa:

[...] é pra preencher calendário, enfim... Tem os seus porquês disso acontecer, isso é muito ruim pro futebol feminino. A menina fazer a base dela no futsal e na idade certa fazer a passagem para o campo, isso é excelente, eu sou totalmente favorável... Agora ela tá com 18, 20, 22 anos e ainda jogando futsal e campo, isso é uma desorganização total. (Entrevista: Planela, 2014).

A fragilidade política do futebol feminino e a falta de melhor organização, conforme salienta Planela em sua entrevista, acaba por deixar o futebol feminino dependente do futsal, principalmente porque existe um maior número de competições de futsal do que de futebol. Assim, diversos clubes que possuem uma equipe de futebol feminino permitem e até incentivam suas atletas a jogarem os dois esportes, principalmente para elas não ficarem longos períodos sem participar de competições. Mas, de acordo com Planela (Entrevista, 2014), o correto seria o futsal servir de base e de

complemento para o campo, ou seja, as meninas participariam do futsal prioritariamente no começo da formação, para aprimorar questões técnicas e táticas que o futsal proporciona e, posteriormente, realizariam a passagem exclusiva para o futebol de campo.

Uma hipótese levantada para uma maior disseminação do futsal está relacionada ao fato deste necessitar de um número menor de atletas, de possuir também, um maior número de quadras e ginásios cobertos – o que permitiria sua prática também durante o período de inverno, algo mais difícil de conseguir com o futebol de campo, principalmente em regiões frias e chuvosas.

Durante as nossas entrevistas, percebemos que há algumas diferenças nas relações e conexões entre o futsal e o futebol, apesar de estarem presentes em praticamente todas as entrevistadas.

A maioria das jogadoras perpassa as duas modalidades concomitantemente, participam de torneios de futsal representando suas escolas ou outros clubes mesmo, enquanto estão jogando no Pelotas/Phoenix.

Mas, também, existem aquelas atletas que fixam determinado período mais no futsal e outros períodos no futebol, como foi o caso, por exemplo, de Rodrigues (Entrevista, 2014), que nos relatou que saiu do Pelotas/Phoenix para jogar futsal pela equipe do Sest/Senat, também da cidade de Pelotas, pelo período de seis meses e depois retornou ao Pelotas/Phoenix.

Ao final desse estudo, percebemos que tratamos de vários temas relacionados com o futebol feminino, tais como: perspectiva de profissionalização, questões históricas e questões de preconceitos de gênero.

Várias questões referentes a esses temas nos chamaram a atenção, mas, para concluir, gostaríamos de ressaltar algumas singularidades que identificamos, ao longo deste estudo, no futebol feminino.

Como foi o caso da totalidade das nossas entrevistadas terem declarado que têm como prioridade continuar os estudos, independentemente de seguirem jogando futebol, mesmo aquelas que planejam jogar profissionalmente.

Essa singularidade nos pareceu importante principalmente por se diferenciar da realidade do futebol masculino, em que a maioria dos garotos que almejam tornarem-se jogadores, por diversos e diferentes motivos

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

demonstram sérias dificuldades para conciliar o sucesso escolar com o futebol.

Empolgados com os discursos mais glamorosos do universo do futebol masculino, muitos garotos se dedicam mais ao futebol e deixam os estudos em segundo plano, mas se esquecem de que, a maior parte, não conseguirá se tornar jogadores profissionais.

Entretanto, dentre aqueles que conseguem, poucos são os que poderão receber altos salários, como atesta o levantamento estatístico da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que mostra que 86% dos atletas profissionais de futebol no Brasil recebem entre 1 e 3 salários mínimos (Benini, 2011, p.12).

O que isso significa? Significa que o futebol brasileiro (feminino e masculino) precisa ser tratado com mais respeito e maior seriedade, pois ambos necessitam ser reformulados e reestruturados, carecendo de uma melhor organização, que comece nas categorias de base e estenda-se até os profissionais.

CONCLUSÃO

Por fim, a realização deste estudo também nos possibilitou concluir que nos últimos anos houve uma diminuição dos preconceitos de gênero em relação ao futebol feminino.

Mas, apesar dessa maior aceitação social, ele ainda é um esporte colocado à margem dos clubes, das federações e de outros órgãos responsáveis.

Assim, em curto prazo, o futebol feminino terá dificuldades para conseguir se estruturar e se consolidar como um esporte profissional.

REFERÊNCIAS

1-Araújo, C.; e colaboradores. Estudo de caso. Métodos de Investigação em Educação. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia. 2008. Disponível em <http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>

2-Bardin. L. Análise de conteúdo. Ed 70. Lisboa, 2006.

3-Benini, P. A. C. O Jogo da minha vida: histórias e reflexões de um atleta. São Paulo: Editora: texto editores. Leya. 2012.

4-Carmona, L.; Poll, G. Almanaque do futebol. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2006.

5-Fernandes, A. K. A história do futebol feminino na cidade do Rio de Janeiro. TCC de Especialização em futebol. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1991. Disponível em: <<http://www.sintrefutjrj.com.br/historiafutfemininoandrea.pdf>>. Acesso em: 10/08/2011.

6-Goellner, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 19. Núm. 2. p.143-51. 2003.

7-Martin, E. A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro. Garamond. 2006.

8-Moura, E. J. L. As relações entre lazer, futebol e gênero. Dissertação de Mestrado em Educação Física. UNICAMP. Campinas. 2003.

9-Mourão, L.; Morel, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 26. Núm. 2. p.73-86. 2005.

10-Oliveira, M. M. de. Como fazer pesquisa qualitativa. 3ª edição. Revista e Ampliada. Vozes. 2010.

11-Rigo, L. C.; e colaboradores. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 29. Núm. 3. p.173 - 188. 2008.

12-Teixeira Junior, J. Mulheres no futebol, a inclusão do charme. Porto Alegre. Brasul Gráfico Editora. 2006.

Recebido para publicação em 23/08/2016
Aceito em 06/11/2016